



## A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO *Português:* *linguagens 6º ano do EF*

Jaqueline ZANZI (UEMS - Dourados)<sup>1</sup>

Carla Regina de Souza FIGUEIREDO (UEMS - Dourados)<sup>2</sup>

**RESUMO:** A partir das recomendações oficiais, como as trazidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas orientações do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), de que cabe a escola o acesso à norma-padrão bem como à valorização das variantes linguísticas que cada aluno traz consigo, investigou-se como o tema variação linguística foi abordado na obra *Português: linguagens* (CEREJA; MAGALHÃES, 2015) destinada ao 6º ano do Ensino Fundamental. A escolha do livro se deu por ser indicado no Guia do PNLD e adotado em escolas da rede estadual de ensino no município de Dourados - MS. Contribuições como as de Bagno (2007; 2013) e Lima (2014) delinearão o percurso metodológico da análise do *corpus* da pesquisa e os fundamentos teóricos, sobretudo da Sociolinguística, embasaram o trabalho. Compilou-se o capítulo 02 da obra e se observou como o trecho respondeu ao roteiro proposto por Bagno (2007) e Lima (2014). Cumpriu-se o requisito “tratar da variação linguística”, associando o fenômeno da heterogeneidade da língua manifesto na fala reproduzida em gêneros textuais como tiras, campanhas publicitárias, fábula e conto, e, na escrita, abordou-se a questão da formalidade ou não do contexto de produção textual a partir grau de monitoramento do locutor ao considerar o interlocutor e a mensagem que se deseja transmitir (e-mail e notícia). Destaca-se como um aspecto positivo, a preocupação dos autores em disponibilizar conceitos básicos referentes à temática *heterogeneidade da língua* (variável, variante e variedade linguísticas) para professores e alunos iniciarem um debate reflexivo sobre questões como preconceito linguístico. Como ponto a ser revisto pelos docentes que têm *Português: linguagens 6* entre os instrumentos de suas práticas de ensino, um alerta quanto à ausência de informações sobre a pluralidade de línguas no Brasil e, conseqüentemente, da possibilidade de considerar o contato linguístico um meio eficaz para estudar os processos de variação.

**PALAVRAS-CHAVE:** variação linguística. BNCC. Livro Didático. Ensino Fundamental.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de licenciatura em Letras – habilitações em Português/Inglês na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Unidade Universitária de Dourados. E-mail: jzanzi@hotmail.it

<sup>2</sup> Docente nos cursos de Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Unidade Universitária de Dourados. E-mail: carlarsfigueiredo@gmail.com

## Introdução

A elaboração de um Livro Didático, doravante denominado LD, é uma tarefa bastante complexa, independentemente do nível de ensino ao qual o livro é destinado. Dentre os aspectos de relevância nos LDs está a obrigatoriedade de tratar a variação linguística de modo a estabelecer ambiente democrático frente a diversidade dialetal, o que reduz o preconceito linguístico e valoriza as diferentes possibilidades de expressão da língua (BRASIL, 2016, p.18).

Dentre as práticas utilizadas na avaliação dos LDs está o emprego de uma ficha analítica quanto ao conteúdo informacional e à adequação de cada assunto abordado na obra julgada a fim de produzir uma resenha que auxiliará o professor no processo de escolha do LD. Contudo, nas resenhas publicadas pelo Ministério da Educação (MEC) nem sempre se consegue apreender se unidades temáticas como *variação linguística* promovem, por exemplo, as habilidades do aluno em reconhecer os fatores determinantes do uso da língua (quem fala? A quem se dirige? Em que situação? Qual a mensagem?...), respeitar as variedades e saber usa-las a depender do contexto de produção da comunicação. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê como objeto de conhecimento (conteúdo, conceitos e processos) a variação linguística como habilidade comum do 6º ao 9º ano da Educação Básica (BRASIL, 2017, p.116-117).

No entanto, a busca por modelos que familiarizem alunos e professores em relação à naturalidade da variação da língua e aos fatores que propiciam esses fenômenos linguísticos representa um desafio para os estudiosos da Sociolinguística (LIMA, 2014, p.115). Cabe às partes envolvidas neste processo a oportunidade de compreender os aspectos naturais e dinâmicos que a língua assume a fim de perceber a equidade do valor linguístico para cada variação.

Diante do exposto, esse trabalho objetivou analisar a abordagem sobre a variação linguística de uma obra didática utilizada em uma escola da rede de ensino no município de Dourados – MS a fim de oferecer ao consulente, principalmente os docentes atuantes no Ensino Fundamental, o acesso “rápido” às considerações disponíveis no LD *Português: linguagens 6* (CEREJA; MAGALHÃES, 2015) acrescido de algumas ressalvas e sugestões acerca da variação linguística.

## Variação linguística e LD

O ensino de Língua Portuguesa, de acordo com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), deve ser organizado de maneira a garantir ao estudante, entre outras coisas, “o desenvolvimento da compreensão da variação linguística e no convívio democrático com a diversidade dialetal, de forma a evitar o preconceito e valorizar as diferentes possibilidades de expressão linguística” (BRASIL, 2016, p.18). Este preceito está em consonância com o parâmetro da heterogeneidade, que determina que,

(...) o livro didático precisa também estimular no aluno a busca pela discussão a respeito da cidadania. Ao se ver como cidadão, o aluno reconhecerá também o outro como cidadão, consciente de que esse outro apresenta diferentes concepções de sociedade, vida etc. É o reconhecimento da heterogeneidade (...), O respeito às diferenças, mais um dos objetivos dos documentos oficiais que guiam a elaboração de livros didáticos. Desse modo, a diversidade deve fazer parte também dos conteúdos de um livro didático. (LIMA, 2014, p.216)

Verifica-se então, a necessidade de observar como os LDs veiculam a temática da variação da língua de modo a situar os alunos e as variedades linguísticas que dispõem em posições sociais não estigmatizadas para que se percebam como sujeitos do meio em que vivem e enxerguem com naturalidade as diferenças.

Assim, como afirmam Moura e Figueiredo (2017), o reconhecimento das múltiplas variações linguísticas é fundamental para a qualidade do ensino de língua portuguesa, pois possibilita capacitar os alunos a elegerem quais maneiras de discurso utilizarem de acordo com a situação e público com o qual se dá a interação. “Assim, o ensino da gramática por ela mesma, acaba por esgotar um bom ensino de língua e não a melhorar o desempenho linguístico.” (MOURA; FIGUEIREDO, 2017, p.88). Por isso, se a obra didática apresentar a temática da variação de maneira isolada, sem demonstrá-la em situações reais de uso ou limitadas aos regionalismos, por exemplo, provavelmente não atingirá o objetivo de conduzir o aluno à legitimação das diversas variedades linguísticas a depender do contexto de produção da comunicação.

Para auxiliar os professores na escolha do LD no que tange à abordagem da variação linguística, Bagno (2007) e Lima (2014) sugeriram alguns questionamentos, que Moura e Figueiredo (2017, p.88) trouxeram numa ficha analítica, adotada também aqui como norteadora para a análise de *Português: linguagens 6* (CEREJA; MAGALHÃES, 2015).

### Ficha analítica da obra “X”

Referência bibliográfica da obra “X”		
PERGUNTA	SIM	NÃO
01. O livro didático trata da variação linguística?		
02. O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de língua que existe no Brasil?		
03. O tratamento se limita às variedades rurais e/ ou regionais?		
04. O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos escolarizados)?		
05. O livro didático separa a norma-padrão da forma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?		
06. O tratamento da variação no livro didático fica limitada ao sotaque e ao léxico ou também aborda fenômenos gramaticais?		
07. O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Ou continua, nas outras seções, a tratar do certo e do errado?		
08. O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como um lugar de erro?		
09. O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística?		
10. O livro didático apresenta a variação linguística apenas para dizer que o que vale mesmo, no final das contas, é a norma-padrão?		
11. A variação linguística é uma constante na obra ou aparece de forma pontual, isolada?		
12. A terminologia utilizada pelo livro se adéqua aos padrões científicos ao mesmo tempo em que é acessível ao aluno?		
13. Há a utilização de gêneros textuais que sejam representativos das variantes linguísticas abordadas, em situações reais de uso?		
14. Os fenômenos abordados estão coerentes com a realidade linguística do português brasileiro (PB)?		

Fonte: Moura e Figueiredo (2017, p.88) a partir de Bagno (2007, p.125-139) e Lima (2014, p.123).

Durante o processo de análise, cada questão presente na ficha foi respondida positiva ou negativamente a partir do aporte teórico utilizado. Observou-se toda a apresentação do conteúdo sobre o tema de variação linguística como a conceituação, a escolha das nomenclaturas, a representação dos quadros de apoio, contextualização do tema com a atualidade e com a realidade brasileira, as imagens

e as analogias empregadas, as proposições de atividades, os enunciados dos exercícios, dentre outros aspectos.

### **A variação linguística em *Português: linguagens 6***

A variação linguística é mencionada, de maneira direta, em *Português: linguagens 6*, no decorrer do capítulo dois, na seção *A língua em foco*. Nesta, segundo as orientações didáticas (Manual do Professor) constantes no final do LD, tem-se por objetivo modificar o enfoque tradicionalista da gramática, a fim de inserir noções como de enunciado, intencionalidade discursiva, preconceito linguístico, variedades linguísticas e outros.

Por essa razão, esta obra contempla aspectos relacionados tanto à gramática normativa – em seus aspectos prescritivos (normatização a partir de parâmetros da norma-padrão (...)) e descritivos (...) – quanto à gramática reflexiva (que explora aspectos ligados à semântica e ao discurso). (CEREJA e MAGALHÃES, 2015, p.302).

Os autores introduzem a temática variação linguística por meio de uma tirinha de Fernando Gonsales, que traz em voga várias questões que permeiam diferentes atitudes linguísticas se considerar um conjunto de fatores sociais determinantes na identificação dos fenômenos de língua, tais como a origem geográfica do usuário de um idioma, o grau de escolarização e a idade do falante, a profissão e as redes sociais a que pertencem os indivíduos. No texto, a personagem devolve o papagaio ao vendedor, pois o animal reproduz uma variedade estigmatizada da língua (ex. a troca de [l] por [r] em encontro consonantais, ou seja, o rotacismo: bicicleta > bicireta; algum > argum; problema > pobrema). Surpreende-se ao perceber que o ex-proprietário da ave também “falava errado”.



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p.39).

A dicotomia certo e errado é retomada numa outra tirinha, em que uma “PH.D” em língua portuguesa repudia os usos reiterados da palavra “tipo” e do gerundismo. Na criação do neologismo “tiponite”, a escolha do sufixo –ite, comumente empregado na composição de nomes de doenças (ex. apendicite, amigdalite), associa o comportamento de vários falantes da língua portuguesa ao “vício” de linguagem, ou seja, é prejudicial à comunicação. Do mesmo modo, consiste o uso desnecessário do gerúndio para designar uma ação futura.



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p.45).

Muitas vezes, esses tipos de sátira reforçam a ideia de que é na língua falada que acontece o erro, tendenciado a ignorar a variação na escrita, além de apresentá-la como homogênea. A este respeito, esclarecem Moura e Figueiredo (2017, p.97): “Não ignoramos a existência e a aplicabilidade do “certo” e do “errado”. Apenas discordamos do seu uso para reforçar ou a ideia de língua homogênea ou de que a variação linguística só se dê apenas no ato da fala.” As autoras alegam que várias ocorrências de variedades linguísticas atuais em nossa língua falada já estiveram em textos antigos como norma-padrão, a exemplo da obra de Camões, do século XVI, em que “palavras que hoje estão vinculadas as variedades estigmatizadas estavam lá textualizadas (escritas) como: fruta, frecha, ingrês e pranta” (MOURA; FIGUEIREDO, 2017, p.97). Portanto, asseveram que “quando alunos e professores têm consciência de que nada na língua é por acaso, passam a ser estimulados a pesquisar como as variedades se constituem.” (MOURA; FIGUEIREDO, 2017, p.97).

No LD, Cereja e Magalhães (2015, p. 40-44) citam cinco dimensões pelas quais uma língua pode variar, quais sejam: a diatópica (verifica-se na comparação entre as maneiras de falar de diferentes lugares - diferenças geográficas), a diastrática (se dá por meio do paradigma entre os modos de se manifestar linguisticamente de

indivíduos pertencentes às classes sociais distintas, medida, geralmente, pelo grau de escolaridade destes), a diacrônica (verificada na apreensão das mudanças de uma língua ao longo do tempo), a diamésica (observada na comparação dos registros da língua falada e escrita – conceito vinculado, sobretudo, ao de gênero textual) e a diafásica (uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua considerando o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento comunicativo se considerado o interlocutor e o contexto de produção) (BAGNO, 2007, p.46-47). Isso demonstra que a obra traz outros fatores relacionados à variação que não somente o lugar de onde provêm os falantes, uma preocupação que corrobora com o que já dizia Lyons (2009) quanto à atitude de não só ignorar o fenômeno da heterogeneidade da língua como de desvalorizar o que algumas Instituições de Poder (cf. FOUCAULT, 2004) como a escola e a mídia, por vezes, não prestigiam:

A questão é que certas diferenças fonéticas entre sotaques podem ser estigmatizadas pela sociedade, da mesma forma como certas diferenças lexicais e gramaticais entre dialetos o são. Pais e professores tentam frequentemente eliminar o que consideram como marcas de status social inferior ou como regionalismos. (LYONS, 2009, p.203).

Cereja e Magalhães (2015, p.41) apresentam os conceitos de norma-padrão e de variedades urbanas de prestígio (norma-culta) e comentam o quanto o acesso às formas socialmente valoradas promove àqueles que as dominam: “Conhecendo a norma-padrão e apropriando-se de variedades de prestígio social, o cidadão fica em pé de igualdade linguística com as outras pessoas e, assim, torna-se mais fácil ouvirem sua voz e respeitarem seus direitos” (CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p.41). Por norma-padrão entenderam: “uma referência, uma espécie de modelo ou de “lei” que normatiza o uso da língua falada ou escrita”, já a norma-culta “as variedades empregadas pelos falantes urbanos mais escolarizados e de renda mais alta” (CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p.41). Ao conceito de norma-padrão associam-se as noções de formalidade e monitoramento.

Apesar dos acertos conceituais presentes no capítulo 2, no seguinte (3), constata-se a confusão entre a norma-padrão e norma-culta, no enunciado na seção *Produção de Texto*, na página 53, em que se solicita ao aluno contar uma história utilizando a “norma-padrão informal”.

**Do escrito para o oral**

Embora os contos maravilhosos tenham se originado da tradição oral, quando foram registrados por escrito e publicados adequaram-se ao registro da norma-padrão. Atualmente, quando um contador de história conta oralmente um conto maravilhoso, é normal que ele também empregue a norma-padrão da língua.

As atividades a seguir, representam um desafio: você deverá contar histórias empregando a norma-padrão informal (CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p.53).

Diante do exposto, demonstra-se o quão o professor deve dominar conceitos basilares para tratar de variação linguística e não deve tratar os conteúdos de maneira fragmentada. Sugere-se, inclusive, a leitura do texto *Variação, avaliação e mídia: o caso do Enem*, em que Bagno (2015) lista 21 termos utilizados por autores de livros didáticos para designar a norma-padrão, dentre os quais a equivocada sinonímia de norma culta e norma-padrão (BAGNO, 2015, p.192-193).

Embora trate das variedades linguísticas e discorra sobre o preconceito social que existe devido às diferenças que estas apresentam em relação à norma-padrão (cf. CEREJA e MAGALHÃES, 2015, p.40-41), não se menciona na obra em *Português: linguagens 6*, a existência de outras línguas faladas no território brasileiro, como as alóctones (ex. japonês, árabe, italiano e alemão) e as autóctones (indígenas como kaiowa, guarani e terena). Desse modo, a discussão mantém-se apenas no que concerne à língua portuguesa. Menciona-se apenas quanto à diversidade de línguas:

#### **Quantas línguas existem?**

Já existiram 10 mil línguas diferentes no mundo, número que com o passar dos anos foi diminuindo. Hoje, existem 6.700 línguas vivas e apenas 250 delas contam com mais de 1 milhão de falantes. Possivelmente existem outras línguas, faladas por habitantes de lugares inóspitos, ainda não descobertos. A divisão de línguas por continentes é a seguinte:

**Ásia 2.165**

**África 2.010**

**Oceania 1.300**

**América 1.000**

**Europa 225**

Estima-se que metade dessas línguas irá desaparecer até o ano de 2050, o que significa que uma língua irá se extinguir a cada cinco dias. (CEREJA e MAGALHÃES, 2015, p.40).

No LD, percebe-se a ênfase dada em prol a uma concepção social da língua, ou seja, admite-se que decorre de uma atividade interativa do falante (oral ou escrita) com aqueles com quem deseja se comunicar, por isso é heterogênea e cada uma das

variedades representa “um conjunto de variantes<sup>3</sup> coexistentes em um espaço de uso da língua” (FIGUEIREDO, 2014, p.33-34), a exemplo das gírias.



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p.45).

Assim, a linguagem, além daquilo que pensamos e sentimos, revela também o lugar que ocupamos no mundo e o grupo social do qual fazemos parte, ou seja, a “Variação linguística no indivíduo e variação linguística na comunidade, são dois lados da mesma moeda” (LYONS, 2009, p.205).

No LD analisado, a variação diatópica é ilustrada por meio das diferenças de som, de vocabulário e até de construções frasais manifestas por diferentes falantes da língua portuguesa em diferentes lugares no Brasil e no mundo, tal como se observa nos excertos a seguir.

**Salve o pernambucês e o cearense!**

Conheça algumas das palavras e expressões usadas em Pernambuco e em outras cidades do Nordeste:

- apreensão:** preocupação, angústia
- aranga:** pequena briga
- bicado:** embetgado
- balanta:** desbotado
- fano-se:** expressão usada por alguém para indicar espanto ou anunciar que vai embora
- balão ou peba:** fracô, sem valor, sem qualidade
- lão:** pobre ou em dificuldades financeiras
- mangar:** rir de alguém ou de algo
- mã:** grande quantidade
- manganga:** careta
- oite:** expressão usada para indicar espanto
- quatin:** vergonha ou frescura
- rubissaca:** gesto de desdém, de dar as costas
- reica:** grupo de pessoas
- virado na castita:** alguém rápido
- zazero:** caloteiro, que não paga as contas

Cartaz do filme *Cine Hollywood*, de Halder Gomes, o primeiro filme brasileiro filmado em cinema 3D, com legendas em português.

<sup>3</sup> Por variante linguística entende-se cada possibilidade de realização de algum elemento da língua (ex. fonema e léxico) que pode se realizar de maneiras diferentes (FIGUEIREDO, 2014, p.33-34). A redução dos ditongos /ey/ a /e/, na fala, diante de consoantes palatais como /j/, beijo [‘bêjo’] seria um exemplo de variante linguística e a pronúncia do ditongo, outra variante.

5. Faz mais de quinhentos anos que a língua portuguesa foi trazida pelos portugueses ao Brasil. De lá para cá, muitas mudanças ocorreram na língua dos dois países; às vezes, temos até a impressão de que falamos línguas diferentes. Veja algumas palavras usadas no Brasil e suas correspondentes em Portugal:

Brasil	Portugal
ônibus	autocarro
abridor de garrafas	tira-cápsula
aeromoça	hospedeira
café da manhã	pequeno almoço
chiclete	pastilha elástica

Tente descobrir a correspondência entre as seguintes palavras do português brasileiro e do português lusitano. Indique-a em seu caderno.

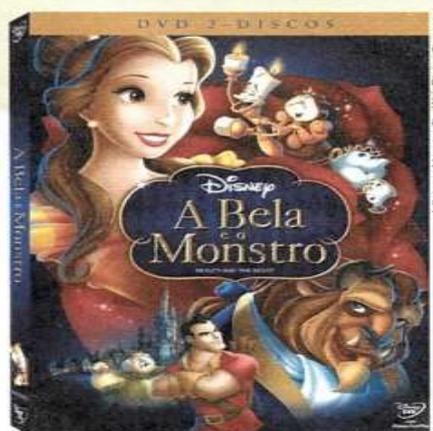
Brasil	Portugal
a) calcinha	1 gelado
b) caqui	2 miúdo
c) fila	3 cueca
d) garoto	4 bicha
e) salva-vidas	5 dióspiro
f) sorvete	6 banheiro
g) telefone celular	7 telemóvel
h) bola	8 esférico

### Filmes em Portugal

As diferenças entre o português brasileiro e o lusitano também se refletem nos nomes dos filmes. Veja algumas delas:

<i>A bela e a fera</i>	<i>A bela e o monstro</i>
<i>Arquivo X</i>	<i>Ficheiros secretos</i>
<i>O gordo e o magro</i>	<i>Bucha e estica</i>
<i>O professor aloprado</i>	<i>O professor chanfrado</i>
<i>Querida, encolhi as crianças</i>	<i>Querida, encolhi os mítidos</i>

Fonte: Marcelo Duarte. *Guia dos curiosos — Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 60.



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p.47; p.50).

Quanto à dimensão diacrônica, o LD se limita a tratar de diferenças históricas sofridas pela língua portuguesa por meio de alguns versos de uma cantiga de roda, arrolando palavras que caíram em desuso (cf CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p.43).

Já as variações diamésica e diafásica são abordadas por meio de diferentes gêneros textuais como a elaboração de um e-mail e de uma comunicação interna entre um funcionário e o gerente a quem estava subordinado. Nesta anedota, o personagem Nilson (Nirso), que é vendedor, apesar de escrever utilizando uma variedade estigmatizada, ou seja, que não correspondente nem a norma-padrão nem a norma-culta, é o funcionário que mais gera lucro à empresa em que trabalha. Na escolha do texto, percebe-se uma busca por parte dos autores do LD em romper com o estigma de que falar diferente da norma-padrão é sinal de inferioridade intelectual ou incapacidade profissional.

Leia esta anedota:

O gerente de vendas recebeu o seguinte fax de um dos seus novos vendedores: 'Seo Gomis o criente de Belzonte pidiu mais cuatrucenta pessa. Faz favor toma as providenasa, Abrasso, Nirso.' Aproximadamente uma hora depois, recebeu outro: 'Seo Gomis, os relatório di venda vai xega atrazado proque to fexando umas venda. Temo que manda treis miu pessa. Amanhã tô xegando. Abrasso. Nirso.' No dia seguinte: 'Seo Gomis, num xeguei pucausa de que vendi maiz deis miu em Beraba. To indo pra Brazilha. Abrasso, Nirso.' No outro: 'Seo Gomis, Brazilha fexo 20 miu. Vo pra Frolinoplis e de lâ pra Sum Paulo no vinhão das cete hora. Abrasso, Nirso.' E assim foi o mês in-



teiro. O gerente, muito preocupado com a imagem da empresa, levou ao presidente as mensagens que recebeu do vendedor. O presidente, um homem muito preocupado com o desenvolvimento da empresa e com a cultura dos funcionários, escutou atentamente o gerente e disse: – Deixa comigo, que eu tomarei as providências necessárias. E tomou. Redigiu de próprio punho um aviso e afixou no mural da empresa, juntamente com as mensagens de fax do vendedor: 'A parti de oje nois tudo vamo fazê feito o Nirso. Si priocupá menos em iscrevé serto, mod vendê maiz. Acinado, O Prizidenti.'

(Disponível em: <http://m.piadasnet.com/?url=http%3A%2F%2Fwww.piadasnet.com%2Fpiadas-de-caipiras.htm#2776>. Acesso em: 15/07/2013.)

Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p 47-48).

Vale pontuar que, no decorrer de toda a obra analisada, a depender do objetivo traçado pelos autores para o aprendizado de determinados conteúdos, alternou-se entre o ensino prioritário da norma-padrão em detrimento de qualquer outra variedade (ex. pronomes. Nos enunciados dos exercícios 1 e 2 da p.221, é tratada a ambiguidade causada pelo emprego inadequado de pronomes e, por isso, propõe-se que os pronomes sejam então empregados de acordo com a norma-padrão) ora

admitiu-se o uso da norma-culta como uma possibilidade, sobretudo na escrita e em contextos formais, conforme se demonstra no excerto abaixo, que diz respeito à preferência que existe entre as locuções verbais em detrimento do futuro do presente ou futuro do pretérito. Este exemplo demonstra que os autores do LD procuram permanecer coerentes no que diz respeito ao conteúdo veiculado para trabalhar de maneira didática as variedades linguísticas.

**Futuro**  
Há dois tipos de futuro:

**futuro do presente**  
Expressa a ideia de uma ação que ocorrerá num tempo futuro em relação ao tempo atual.  
Faremos ou não uma festa no dia do seu aniversário?  
Ela virá no próximo sábado.  
O futuro do presente é reconhecido pela presença de **-er/-ez**.

**futuro do pretérito**  
Expressa a ideia de uma ação futura que ocorreria desde que uma condição tivesse sido atendida antes.  
Se você permitisse, faríamos uma festa no dia do seu aniversário.  
Ela viria no próximo sábado, se pudesse.  
O futuro do pretérito é reconhecido pela presença de **-ria/-ria**.

**Os tempos do futuro na língua coloquial**  
O emprego do futuro do presente ou do futuro do pretérito quase sempre dá a impressão de que a pessoa está falando de modo formal.  
Em situações informais, as falantes geralmente preferem empregar **locuções verbais**, isto é, o verbo principal acompanhado de um verbo auxiliar como ocorre na frase "Com tudo atado não **vai dar**". Observe esse mesmo procedimento no quadrinho ao lado. A personagem emprega a locução **vou pedir**, com o auxiliar **ir**, quando poderia ter dito: "Não **pedirei** um beijinho de obrigado".

(Fernando Escobar, Miguel Palanca — Não tudo que começa em "ir", p. 10)

Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p.261).

## Considerações finais

*Português: linguagens*, 6 alinha-se às recomendações oficiais, como as trazidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e cumpre a maioria dos requisitos necessários, segundo Bagno (2007) e Lima (2014), para o tratamento do tema variação linguística no ensino de língua portuguesa. A seguir, uma síntese do que fora demonstrado ao longo do trabalho:

- ✓ O livro didático trata da variação linguística;
- ✓ Não menciona de algum modo a pluralidade de língua que existe no Brasil;
- ✓ Não se limita às variedades rurais e regionais;
- ✓ apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos escolarizados);
- ✓ ora separa ora confunde norma-padrão da variedade culta, sobretudo nas atividades relacionadas às produções textuais;
- ✓ mostra-se incipiente quanto à mudança linguística,

- ✓ explicita que também existe variação entre fala e escrita por meio das peculiaridades dos diferentes gêneros textuais;
- ✓ a terminologia utilizada pelo livro se adéqua aos padrões científicos ao mesmo tempo em que é acessível ao aluno; e
- ✓ Os fenômenos abordados estão coerentes com a realidade linguística do português brasileiro (PB).

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Variação, avaliação e mídia: o caso do ENEM. IN: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p.191-224.

\_\_\_\_\_. A variação linguística nos livros didáticos. In. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **PNLD 2017: língua portuguesa – Ensino Fundamental - anos finais**. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2016.

CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens, 6**. 9 ed. Reform. São Paulo: Saraiva, 2015.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza; MOURA, Thaís Cristina de Almeida. Pra variar...o ensino da língua portuguesa em foco. In.GAMA, Anailton de Souza; GALINDO, Cláudia Sabbag Ozawa; BRITO, Ireni Aparecida Moreira (orgs.). **Práticas de língua, linguagem e literatura**. Nova Andradina: Gama Editorial, 2017, p.78-100.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. **Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso**. Porto Alegre – RS: UFRGS, 2014. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Letras/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 23ª ed. São Paulo: Graal, 2004.

LIMA, Ricardo Joseh. Variação Linguística e os livros didáticos de português. In. MARTINS, Marcos Antônio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (orgs.). **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014, p.115-131.

LYONS, John. **Lingua(gem) e Linguística: uma introdução**. Tradução Marilda Winkler Averborg. Clarisse Sieckenius de Souza. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2009.